

# Presumíveis assassinos de Evo extraditados quando Cavaco visitar Marrocos

O "caso Evo Fernandes" tem todos os ingredientes de uma história policial. Nem lhe falta um agente especial britânico, tipo 007...

Os dois portugueses detidos em Marrocos por suspeita de envolvimento no assassinio de Evo Fernandes deverão ser extraditados em Novembro quando Cavaco Silva visitar aquele país. «O Jornal» apurou ainda que os investigadores consideram que estarão envolvidos no caso dois moçambicanos, sendo um adido em Lisboa e outro funcionário em Paris. Empresários que tinham contactos com o ex-secretário-geral da Renamo estão a ser abrangidos pelas investigações.

Elementos a que «O Jornal» acabou de ter acesso vieram confirmar a rocambolesca história que publicamos no dia imediato à morte de Evo Fernandes, cujo corpo foi encontrado nas imediações de Alcáideche, em 21 de Abril deste ano.

Posteriormente, a polícia marroquina, com o auxílio de investigadores portugueses, deteve em Marrocos os dois principais suspeitos, Alexandre Chagas e Joaquim Messias.

Alyster Morrisson, um britânico da empresa especial de segurança DSL que opera na região de Nacala cujo nome foi avançado também nessa notícia, foi uma das pessoas que embarcaram em 18 de Abril



Evo Fernandes  
Morto numa «operação especial»

num «voo especial» fretado à TAP e destinado ao Maputo, onde seguiam oito pessoas com passaporte diplomático. A mulher e um filho de Alexandre Chagas teriam partido nesse avião, onde também foi levada uma caixa diplomática de 10 m3. Nesse avião chegou a estar previsto que embarcasse Evo Fernandes, para contactos com as autoridades moçambicanas, não se excluindo a hipótese de que aí pudesse ser apresentado nos termos de um outro ex-Renamo, Paulo Oliveira, que foi utilizado pelos serviços de propaganda do Maputo.

Contudo, Evo Fernandes teria recusado a embarcar, falhando, assim, uma operação preparada em Lisboa e Paris pelo major-general de Moçambique Bonifácio Gruveta (cuja presença em Portugal era assinalada na referida notícia) intitulando «Assassinio de Evo parece resultar da operação internacional.» Não foi, porém, possível confirmar em absoluto a participação nesta operação de uma alta patente da Checoslováquia.

O governo de Lisboa estava completamente «fora da jogada», mas, presentemente, a



Irete Fernandes no funeral  
O marido terá estado sempre sequestrado no concelho de Cascais

polícia e justiça portuguesas já têm todos os elementos na mão.

No avião *combi* da TAP, que no regresso fez escala num país africano, regressou um britânico (provavelmente o referido «operacional»). O chefe do referido serviço especial britânico morreu no acidente que vitimou o presidente Samora Machel, e o seu sucessor teria ligações com Alexandre Chagas.

## Nos bastidores da Renamo

Uma alta personalidade moçambicana estaria, segundo as

nossas fontes, intimamente relacionada com este caso, bem como toda uma vasta operação para infiltrar a Renamo, montada pela SNASP, a polícia secreta de Moçambique. A SNASP estará a tentar criar um movimento dissidente da Renamo, chamado Germe. Como pano de fundo estão as negociações com a África do Sul. Uma outra organização, chamada Unamo, foi criada no Malawi por dissidentes da Renamo, por iniciativa da «Fundação Heritage».

Evo Fernandes esteve ligado ao ramo da Frelimo que se en-

contrava ligado à África do Sul, e que tem representantes na Europa (Alemanha, França e Portugal). Tinha uma ligação directa e muita influência junto de Dhlakama, o representante da Renamo. Artur Janeiro da Fonseca (a quem Evo telefonou antes de se encontrar com Chagas no restaurante Beira-Mar, de Cascais) e Ascensão de Freitas são as duas cabeças políticas na Europa. Janeiro da Fonseca reside habitualmente na RFA, mas desloca-se frequentemente a Portugal e a Marrocos.

Um outro membro da Renamo actuava com base em Washington.

Um outro elemento muito activo na Renamo é Mateus Lopes, que foi colega de escola de Afonso Dhlakama e operou de forma a provocar dissidências em Lisboa e Nova Iorque. Contudo veio a verificar-se que estava ligado à SNASP, na sequência de um alegado acidente, em 30 de Novembro de 1987, quando seguia num automóvel, com João Ataíde, proveniente do Malawi. João Ataíde que foi embaixador em Lisboa, de onde fugiu para Paris para aderir à Renamo, morreu nessa ocasião, admitindo-se que tenha sido vítima de uma cilada.